

RUA NÍSIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA

Lei nº 3268 de 03-06-1965

Formada pela rua 2 da Vila São Bento e rua 7 da Vila Manuel Ferreira

Início na avenida Carlos A. Gobbi

Término na avenida Cecília Samia Zarur

Vila São Bento

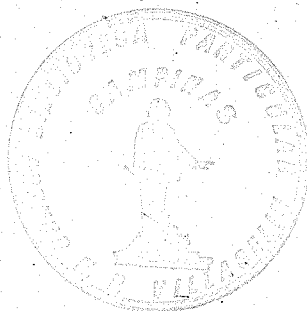
Obs.: Esta rua recebeu este nome por um pedido feito pelo sr. Sixto Bivar, nascido em Papari, hoje município de Nísia Floresta, no Rio Grande do Norte a Alaor Malta Guimarães, que elaborou belíssimo trabalho sobre aquela escritora, publicado em jornal, e através do qual, sugeria ao sr. Prefeito o atendimento da solicitação. A lei foi promulgada pelo Prefeito Municipal Ruy Hellmeister Novaes.

NÍSIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA

Dionísia Pinto Lisboa que tornou-se conhecida nas letras pelo singular nome de Nísia Floresta Brasileira Augusta, nasceu na Vila de Papari, hoje cidade denominada Nísia Floresta, Estado do Rio Grande do Norte, a 12-10-1809 e faleceu em Rouen, França, a 24-04-1885. Transferiu-se para o Recife, em 1828, onde colaborou em diversos jornais, e, depois para Porto Alegre, iniciando-se no magistério. Mudando-se para o Rio de Janeiro, em 1838 funda o Colégio Augusto, para moças, que se notabilizou pelo alto nível de seu ensino e que funcionou durante 17 anos sob sua direção. Em 1842, proferiu uma série de conferências e palestras à favor da abolição e da República. Infeliz no casamento, deixa o país seguindo para a Europa, indo lecionar em Portugal. Viaja pela Itália, Alemanha, fixando-se em Paris. Na França trava conhecimento com Vitor Hugo, Lamartine, Saint-Hilaire, George Sand e Auguste Comte. Viajando por diversos países europeus, demora-se algum tempo na Itália, correspondendo-se com Garibaldi, Mazzini e outros líderes do movimento italiano, cujo ideais, defendeu em artigos para jornais daquele país. Amiga de Comte e entusiasta do Positivismo, publicou em 1853 o "Opúsculo Humanitário", coletânea de artigos sobre educação feminina, que a torna precursora da emancipação social da mulher. Deixou obras em italiano, português e francês, entre as quais: "Direito das Mulheres", "Conselhos à Minha Filha", "Lágrimas de um Caeté", "Revolta Praieira", "Pensamentos", "Três Anos na Itália", "Viagem à Alemanha", "O Brasil". Enterrada em Rouen, em 1954 seus restos mortais foram trasladados para sua cidade natal, hoje denominada Nísia Floresta, no Rio Grande do Norte.

RUA NISIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA

8



LEI N.º 3.268, DE 3 DE JUNHO DE 1965

DÁ O NOME DE NISIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA A UMA RUA DA CIDADE

A CAMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICIPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada Nisia Floresta Brasileira Augusta a Rua 2 da Vila São Bento que tem início na Avenida John Boyd Dunlop e término na Avenida 2 do mesmo loteamento.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 3 de junho de 1965
RUY HELLMESTER NOVAES — Prefeito de Campinas
Publicada no Departamento do Expediente, da Prefeitura Municipal, em 3 de junho de 1965.

DEOCLESIO LEO CHIACCHIO — Diretor do Departamento do Expediente.



NISIA FLORESTA

Escritora e educadora brasileira; n. na vila de Papari, Rio Grande do Norte, em 12-10-1809; m. em Ruão, França, em 24-4-1885. Transferiu-se para o Recife, 1828, onde colaborou em diversos jornais, e, depois, para Pórtio Alegre, iniciando-se no magistério. Residiu no Rio de Janeiro, aí fundando o Colégio Augusto, que funcionou durante dezessete anos sob sua direção. Em 1842 proferiu conferências a favor da abolição e da República. Infeliz no matrimônio, deixou o Brasil, 1849, e fixou residência em Paris, onde travou conhecimento com Lamartine, Vitor Hugo, George Sand, Saint-Hilaire e Augusto Comte. Viajou depois por diversos países da Europa, demorando-se algum tempo na Itália; correspondeu-se assiduamente com Garibaldi, Mazzini e outros líderes do movimento nacional italiano, cujos ideais defendeu em artigos para jornais daquele país. Foi a pioneira do feminismo. Deixou obras em português, italiano e francês, entre as quais: "Direito das Mulheres", 1833; "Conselho a Minha Filha", 1845; "Revolta Praieira"; 1850; "Pensamentos" 1856; versos; "Três Anos na Itália", 1861; "Viagem na Alemanha", 1863; "O Brasil", 1871 etc. É conhecida também como Dionisia Floresta Brasileira Augusta.

NISIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA

Com esse nome singular, de Nisia Floresta Brasileira Augusta, tornou-se conhecida nas letras a inteligente e culta patriciã Dionisia Pinto Lisboa, nascida na vila de Papari, na então província do Rio Grande do Norte, a 12 de outubro de 1809.

«Incontestavelmente — afirma Rocha Pombo — a mais notável figura das letras na antiga província — e tanto pela grandeza da sua obra, como pela singularidade edificante da sua vida — é Nisia Floresta, o culto espírito, a alma entusiasta e generosa, cujo nome transpôs as raias da pátria e chegou a fazer-se sentir até entre vultos da alta intelectualidade europeia.»

Informa o referido historiador que em 1909 celebrou-se na teita natal da escritora o primeiro centenário de seu nascimento, comemoração mais de intelectuais do que do povo, pois em verdade ela é pouco popular em seu país, embora o culto que manteve pelo Brasil nos países em que viveu.

Pouco se sabe da vida de Nisia Floresta em seus primeiros tempos, apenas que foi cheia de dificuldades, tendo sido professora no sul do país.

Seguiu depois para a Europa, tendo vivido em Portugal, Itália, Alemanha e França, falecendo a 24 de abril de 1885, em Rouen.

Sabe-se que em 1854 estava já no Velho Mundo e era viúva, supondo-se tenha perdido o marido ainda no Brasil.

Viajou muito, estudando e escrevendo sempre. Falava várias línguas.

Seus primeiros livros foram publicados no Brasil, tendo estreado aos 24 anos, com o volume «Direitos da Mulher».

Doze anos depois publicou «Conselhos a minha Filha» e ainda no Brasil saíram «Lágrimas de um Caeté» e «Revolta Praieira».

«Conselhos a minha Filha» foi traduzido para o italiano, o que demonstra o conceito em que era tida.

Já na Itália, Nisia Floresta escreveu um livro a que intitulou «Scintilla d'una anima brasiliana».

Muitos outros foram os livros que publicou a seguir, assim intitulados: «Pensamentos», «Trois ans en Italie», «Voyage en Allemagne», «Abismos sobre flores», «Um passeio ao Luxemburgo», «Dedicação a uma amiga», «Le Bresil», «Fragments d'une oeuvre inedite».

Quando do centenário de Nisia Floresta, escreveu Constâncio Alves: «Dessa existência de emigrada, voluntária porém não satisfeita, deixou memória em páginas vigorosas, nas quais se harmonizam a razão que observa com serenidade e o entusiasmo que vibra com força juvenil. Li-as há tempos com interesse; agora a relei com o mesmo prazer. Nessas obras, que falam de coisas estrangeiras, em línguas estrangeiras, palpita com intensidade uma alma brasileira, que leva a pátria por todos os caminhos da sua peregrinação. Mais de uma vez encontrei a nossa intraduzível saudade em período francês, em frase italiana, e senti a doçura do encontro inesperado de resto amigo perdido numa multidão de estrangeiros. Essa saudade brasileira continuamente evoca paisagens longínquas e familiares, e abre em panoramas da velha Itália e da velha Grécia, rasgões através dos quais entretemos a orla branca da nossa costa, rebrilhando sob o sussurro dos coqueiros e os montes da nossa bahia magnífica, negros no violáceo do crepúsculo.»

Relacionou-se com vultos eminentes da época, como Vitor Hugo, Augusto Comte, Littré, Dumas pai. Comte a ela se refere, em um de seus livros e escreveu-lhe sete cartas, o que evidencia o grande apreço que lhe dispensava.

RUA NISIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA

(Trabalho elaborado por ALAOR MALTA GUIMARÊS)

Sixto Bivar. Quem será?

Apenas mais de um dos duzentos e cinquenta mil habitantes desta bela terra das andorinhas; mas campineiro de coração!

Nascido em Papari (hoje município de Nisia Floresta), no Rio Grande do Norte, campineiro desde 1903 — portanto mais que nós que começamos em 1912 — é um cidadão saudoso do seu torrão natal, das suas imensas praias onde ele passou a sua primeira infância.

Que deseja ele?

Coisa simples, modesta por demais, porém, mais que justa: o nome de «Nisia Floresta Brasileira Augusta» para a sua rua, que é como ele chama a rua em que mora.

Deseja, Sixto Bivar — que já não pode mais voltar à sua terra natal —, à terra dos seus pais, irmãos, parentes e amigos, — ter aqui na terra de Carlos Gomes uma recordação permanente das coisas que lá ficaram. E o bairrismo que ele ainda sente dentro de si; é o amor, a saudade, a recordação que corroe. Ele gosta daqui, desta gentil e fabulosa Campinas, terra dos seus filhos e netos, mas sente à distância o sópro do mar a chamá-lo de volta.

Procurou-nos, pois, para pedir ao autor destas despretenciosas linhas que o auxiliasse a prestar uma homenagem à sua querida outrora Papari. Achando mais que justa e rezoável a solicitação resolvemos ajudá-lo.

Rebuscando notas e apontamentos encontramos algo que pode recordar, que pode homenagear, que já devia ter sido feito que precisa ser feito, mas que não foi feito a exemplo de muita coisa que neste País, em nosso Estado e em nossa cidade passam despercebidas, que ficam no esquecimento, como é o caso de «Nisia Floresta Brasileira Augusta», nome que lembramos para atender à solicitação de Sixto Bivar, ou seja, para denominar a rua 2 da Vila Esmeralda.

NISIA E SUA CARREIRA

Quem foi Nisia Floresta Brasileira Augusta?

Para justificar, vamos às palavras de autores de nome nacional, e para começar a Enciclopédia Dicionário Internacional — Volume VIII — página 4.725 — Estrelamim — Galeos — W. M. Jackson, Inc. — Diz ela:

FLORESTA, Nisia Escritora brasileira, n.o em 1809, m. em Ruão em 1885. Deixou o Rio Grande do Norte aos 19 anos, indo residir no Recife, onde se demorou pouco tempo, transportando-se para o Rio Grande do Sul. Aí fundou um colégio, mas o Rio seduzia-a e para lá foi, continuando a sua profissão de educadora, ao mesmo tempo que fazia, em 1842, conferências abolicionistas e republicanas. Em 1849 deixou o Brasil e fixou residência em Paris, onde conviveu com os mais eminentes espíritos da época. Lamartine, Victor Hugo, George Sand, Saint-Hilaire, Laboulaye. Viajou por grande da Europa. Demorou-se bastante na Itália, escrevendo, com as suas impressões naquele país, Trois ans em Itálië, em que narra os acontecimentos de 1860. Correspondia-se assiduamente com Mazzini, Garibaldi e outros heróis da revolução, cujos interesses advogou em mais de uma gazeta italiana. Viajou tam-

bem pelo Oriente e escreveu sobre a Grécia páginas cheias de colorido. Orientou a sua educação intelectual, frequentando os mais notáveis cursos de ciências na Itália, na Inglaterra e em Paris. Els os títulos de algumas das obras que publicou: Direito das Mulheres (1833), Conselhos à minha filha (1845), Pensamentos, versos (1856), Lágrimas de um Caheté (1849), Revolta praieira (1850), D'assis (1850), Scintilla de uma alma brasileira (1855), Trois ans em Itálie (1861), Voyage en Allemagne (1863), Abysmo sobre flôres (1864), Um passeio ao Luxembourg, Dedicção a uma amiga, Le Brésil (1871), Fragments d'un ouvrage inédit (1875). Deixou inéditas uma coleção de poe-

sias, Inspirações maternais, e Memórias da minha vida. Os Conselhos à minha filha foram traduzidos em italiano pelo bispo de Mondovi, e em francês.

Do livro: «História do Positivismo no Brasil», de Ivan Luis, (da Academia Brasileira de Letras) página 19 e seguintes, destacamos:

«... Trabalhos de língua não faltaram: os de agulha ficaram no escuro. Os maridos precisam de mulher que trabalhe mais e fale menos» ... Assim se exprimia «O Mercantil» de 1.o de janeiro de 1847, a propósito dos exames de línguas realizados no colégio Augusto.

Desde 1838, quando contava apenas 29 anos de idade, Nisia Floresta dedicava-se a esse Colégio, por ela mantido no Rio de Janeiro, onde, além do latim, lecionava, sôzinha quase tôdas as matérias.

Se «O Mercantil» fazia restrições ao Colégio de Dona Nisia, o Núncio Apostólico, Monsenhor Giacomo Bedini, presente à realzação dos exames anuais de literatura e línguas estrangeiras, ficou maravilhado ao ouvir as alunas recitarem trechos, em prosa e verso, dos melhores autores italianos. Mas a sua surpresa requintou quando uma menina me fez lembrar as belezas da língua de Cícero ao declamar mais de uma centena de versos de Virgílio e ao traduzir odes de Horácio.

É a própria Nisia quem registra o episódio:

«Homem do velho mundo, apreciador dos grandes poetas, tinha razão para se admirar, encontrando ali, tão longe das plagas europeias, em um país que se tem ainda a ingenuidade de considerar semi-selvagem, um estabelecimento de meninas, onde, ao mesmo tempo que se lhes ensinava a prática das virtudes domésticas, não se desdenhava de lhes cultivar o espirito, revelando-lhes as belezas dos Herculanos, dos Racines, dos Shakespeares, dos Goethes, dos Dantes e dos Virgílios».

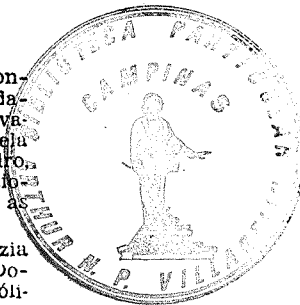
Nisia Floresta nasceu em 12 de outubro de 1809, no Rio Grande do Norte. Admitindo ter sido ela «possivelmente autodidata», conside-

rou-a Oliveira Lima «a mais notável mulher de letras do Brasil». E acrescentava: «sua formação foi sólida e brilhante, clássica e moderna». Esta afirmativa é reforçada pela opinião de Constâncio Alves. Ao comemorar-lhe o primeiro centenário, disse este último que Nisia, saída de uma pequena província do Norte, chegara, na segunda metade do século XIX, a uma altura espiritual de que estavam longe, ainda então, muitos homens que viviam em condições mais favoráveis à emancipação da inteligência. E ponderava: «essa elevação mental, sente-se em cada capítulo de sua obra».

Tão grande era a curiosidade intelectual de Nisia que, depois de haver seguido cursos de botânica no Colégio de França e no Museu de História Natural de Paris, estando em Florença, em 1860, acompanhou, aos 51 anos, as aulas de botânica de Parlatore, antigo colaborador de Humboldt.

NISIA E O POSITIVISMO

No «Boletim Positivista n.o 1, Godofredo de Souza Pinto publicou um artigo intitula-



do "Um Brasileiro que conheceu Augusto Comte." Através dele, podemos vislumbrar o primeiro esboço desse "salão positivista", idealizado por Comte e presidido por Nisia Floresta.

Foi o positivista pernambucano Antonio Pereira Simões, autor de um livro em dois volumes — "Romance de Augusto Comte", publicado em 1897 — quem narrou a Luciano Souza Pinto ter ouvido de um velho senhor de engenho pernambucano haver tido este ocasião de conhecer Augusto Comte em Paris, em casa de Nisia Floresta, "onde o filósofo era recebido sempre com testemunhos de profunda consideração e respeito pelos que frequentavam o salão da escritora brasileira. Esta ia pessoalmente recebê-lo à entrada de seu apartamento e dizia-lhe presentes, com visível entusiasmo, formulando um gesto de silêncio: "Aí está o sr. Comte, a maior glória da França. Procurem ouvi-lo e me darão razão. Não é um homem como os outros. É um gênio. A originalidade de suas concepções é tão sedutora como o cavalheirismo de que é feito o seu coração. Os clarões de sua inteligência transfiguraram-no num homem belo, quando ele expõe seus grandes pensamentos sobre a moral, sobre política, sobre medicina. Sabe tudo, e todos o respeitam como a maior cabeça do século. Orgulhem-nos de apertar-lhe a mão. Voilà un titre de gloire".

NO TUMULO DE CLOTILDE DE VAUX

Ao visitar o túmulo de Clotilde de Vaux, em 5 de abril de 1857, consagrou-lhe Nisia, em francês, uma expansão que muito comoveu a Augusto Comte, tornando-o profundamente grato à escritora brasileira. Eis, vertida para o vernáculo, essa expansão, primeira manifestação brasileira do culto de Clotilde que se tornaria uma das características da Igreja que vinte e quatro anos mais tarde Miguel Lemos e Teixeira Mendes fundariam no Rio de Janeiro:

"Uma lágrima por prece, sobre o teu túmulo! Uma lágrima, que te oferece um coração, tão cedo quanto o teu iniciado nos mistérios da dor.

"Recebe este pequenino tributo de uma estrangeira que o não seria, se lhe tivesse sido dada a ventura de conhecer-te em vida, pois corações como o teu não alimentam preconceitos nacionalistas, que dividem os homens e retardam o verdadeiro progresso da humanidade.

"Alma pura e afetuosa, passaste apenas pela terra, como a flor primavera; — Mais feliz do que ela, todavia, encontrei, nos teus últimos dias um grande guia, que conservou o teu perfume em seu nobre coração, como a vestal zelava pelo fogo sagrado do templo. Esse perfume é o esparze, agora pelo mundo inteiro, em incomparáveis trabalhos que te immortalizarão, tanto quanto a ele próprio.

"Nova Beatriz, teu nome passará às gerações vindouras com uma glória ainda maior, pois não é a admirável ficção de um grande poeta, mas a doutrina regeneradora de um grande filósofo que tira, por teu influxo, a mulher da degradação em que ainda se encontra.

"A ti, Clotilde de Vaux, as homenagens sinceras e o profundo reconhecimento de todas as mulheres de coração. A ti, minha prece de hoje, a ti, um voto de fraternidade: queira o Grã-Ser torná-lo tão eficaz quanto o foram tuas sublimes virtudes!

"Dorme, anjo de doçura e de amor, dorme o sono dos justos em tua última jazida.

"Hei de evocar, doravante, a tua memória, em nome de todas as mulheres, para que realizem a nobre missão que tanto te preocupavas em inspirar-lhes.

"Virei associar, à tua imagem, a daqueles a quem choro: Pai, Esposo e Mãe. A rememoração desta querida trindade que me foi, ai de mim!, tão cedo arrebatada, é digna (pelo amor da Humanidade, de que deu tantas provas) de ser incorporada à tua lembrança".

APELO DE NISIA

Vinha o filósofo acamado havia mais de um mês, quando, em carta de 22 de agosto de 1857, que antecedeu de quinze dias à sua morte, lhe escreveu Nisia um apelo no

sentido de deixar-se examinar pelos "primeiros médicos" de Paris. Repelindo essa sugestão, retrucou Augusto Comte achá-la tanto mais perigosa e cega quanto, a seus olhos, os "primeiros médicos" de seu tempo não eram senão "os mais ricos", precisamente os que ele menos apreciava, tanto intelectual quanto moralmente.

NO SEPULTAMENTO DE COMTE

Falecendo Augusto Comte em 5 de setembro de 1857, foi Nisia uma das quatro senhoras que lhe acompanharam o cortejo fúnebre até o Pere La Chaise.

"Quando os contemporâneos — comenta, a este propósito, Adauto da Câmara — fingiam ignorar a grande figura do gênio francês a ponto de L'illustration não lhe ter registrado o falecimento, aquela brasileira, no pobre e humilde cortejo funéreo, representava a cultura do Novo Mundo, associada ao luto pelo desaparecimento de um dos mais poderosos cérebros que a humanidade concebeu".

Se não se concretizaram as esperanças de Augusto Comte quanto a ser o "salão positivista" presidido por Nisia Floresta, sua influência sobre a escritora brasileira se manifesta no livro em dois volumes, por ela estampado em 1864 — "Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce", onde atingiu a culminância do seu esplendor espiritual, debatendo agudamente os problemas políticos e sociais do seu tempo, constituindo, na opinião do Professor Adauto da Câmara, a sua obra prima".

Nesse trabalho deparam-se ecos das aspirações morais do Positivismo e de sua teoria sobre a escravidão e a domesticidade. Acha-se aí, entre outras, a seguinte referência a Bonaparte, que traduz bem o pensamento de Augusto Comte sobre o corso: "le soi disant grand homme Napoléon I". Esta alusão, em pleno apogeu de Napoleão III, quando haviam



atingido ao auge a lenda e a apoteose napoleônicas comprova a forte personalidade de Nisia, e, ao mesmo tempo, a sua adesão a Augusto Comte, pois era este, então, o único a insurgir-se contra a glorificação de Bonaparte, por ele considerado um personagem nefasto pelas suas extemporâneas guerras de conquista. Daí pregou o filósofo, a bem da paz universal, a necessidade de ser retratada a estatua de Napoleão da praça Vendôme, o que foi posto em execução, em 1870, por Comte.

DISCÍPULA EXCEPCIONAL

«A campanha veemente de Nisia não era a consequência de qualquer vaidade feminina. Nasceu da exata interpretação do fenômeno social. A aproximação dos seus estudos com os princípios filosóficos de Augusto Comte avivaram a convicção da brasileira imortal.

«Nisia constituiu-se uma excepcional discípula do preclaro Mestre de Montpellier.

«As Cartas que Augusto Comte lhe escreveu devem orgulhar o nosso espírito. São documentos que honram a cultura de um povo e destacam — entre as maiores personalidades — uma brasileira, nascida em uma das mais pobres aldeias do Rio Grande do Norte, a quem o próprio talento, sem outros recursos, distinguia com extraordinários privilégios científicos e literários».

Falecendo, em Ruão, em 24 de abril de 1885, aos 76 anos, foi aí Nisia enterrada no Cemitério de Bom Socorro. Pela lei n.º 1892, de 23 de junho de 1953, foi o Governo Brasileiro autorizado a fazer a trasladação dos seus restos para o Brasil, havendo sido encarregado dessa transferência, através do seu Presidente, Dr. Marciano Alves Freire, o Centro Norte Riograndense, pela Portaria n.º 497, de 22 de julho de 1953, do Ministério da Educação. Saindo de Marselha, pelo navio Loide-Brasil, em 9 de agosto de 1954 chegaram os restos de Nisia a Recife em 27 do mesmo mês. Depois de haverem sido homenageados pela Academia Pernambucana de Letras, seguiram, em 11 de setembro de 1954, para Natal, a bordo do caça-submarino Pirapiá. E, no local do nascimento da escritora, vila de Papari, hoje denominada Nisia Floresta, foram sepultados.



Inconformismo de Nísia Floresta, cem anos depois

NILO SCALZO

"Nísia é o final de Dionísia. Floresta é o ninho nativo. Brasileira é uma afirmativa nacionalista para quem viveu 28 anos na Europa. Augusta é a recordação amorosa e fiel ao seu Manuel Augusto de Faria Rocha, o companheiro dileto e depois marido amantíssimo." Assim Luis Câmara Cascudo explica o curioso pseudônimo adotado por sua conterrânea Dionísia Gonçalves Pinto Lisboa, uma das pioneiras do feminismo, do abolicionismo, do republicanism e da liberdade religiosa no Brasil. Nísia Floresta Brasileira Augusta, ou simplesmente Nísia Floresta, como figura em alguns compêndios literários, cujo centenário de morte transcorre hoje, entra na história da cultura brasileira por sua atitude desentida na defesa de seus ideais e pelas obras que deixou, algumas delas marcadas por um pensamento vigoroso que se antepôs à sua própria época.

Nascida em 1809, no Rio Grande do Norte, no sítio Floresta, região do Papari, filha do advogado português Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa, Nísia Floresta estava destinada a viver um vida novelesca, pouco comum no acanhado ambiente social e intelectual das cidades brasileiras. Casou-se ainda adolescente, por imposição da família, mas não hesitou em abandonar o marido e acompanhar o pai quando este, tendo de deixar sua terra por perseguições políticas, partiu para Pernambuco. Enamorou-se então do jovem estudante Manuel Augusto de Faria Rocha, com quem veio a casar-se. O casal transferiu-se para Porto Alegre, onde nasceram os filhos Lívia Augusta e Augusto Américo. Logo depois Manuel Augusto viria a falecer. O que foi esse período de vida conjugal, durante o qual não arrefeceu a paixão do primeiro instante, vem descrito em Scintille d'un Anima Brasileira, que Nísia Floresta publicou depois em Florença.

Em 1838, vamos encontrá-la no Rio de Janeiro, onde fundou uma instituição para moças que recebeu o nome de Colégio Augusto. Ainda em Pernambuco, publicara em 1832 o célebre folheto de Mrs. Godwin, Vindications of the Rights of Women, traduzido por ela com o título "Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens". O livro de Mary Wollstonecraft, que se tornaria Mrs. Godwin e mãe de Mary Shelley, era uma obra revolucionária para a época. Como poderia alguém imaginar que um panfleto subversivo haveria de encontrar acolhida tão colorosa da parte

de uma jovem brasileira da província? Não é sem razão que Gilberto Freyre considera Nísia uma exceção escandalosa no clima conservador da primeira metade do século XIX. Revela-se assim o inconformismo dessa mulher que se tornou alvo de ataques e insídias quando, no Rio, começou a desenvolver um programa que revolucionou a rotina pedagógica de seu tempo — ensinava línguas (latim, italiano, francês, inglês), ciências e pronunciava conferências sobre assuntos proibidos, como a defesa da abolição da escravidão. O brilho de sua alunas, que declaravam nos exames autores latinos, franceses e italianos, mereceu comentário jocoso de um jornal: "Trabalhos de língua não faltaram: os de agulha ficaram no escuro. Os maridos precisavam de mulher que trabalhe mais e fale menos". Incluem-se entre suas obras: "Daciz ou a jovem completa", "Fany ou o Modelo das Donzelas", "A lágrima de um caeté", "Poemas sobre a Revolta Praieira", "Dedicção de uma Amiga" (romance histórico) e "Opúsculo Humanitário", artigos sobre educação feminina.

O mais importante é que Nísia Floresta não só tinha leitores no Brasil, mas seus livros eram traduzidos no Exterior: "Conselhos a Minha Filha" foi editado em francês e italiano. A vida intelectual não a desviava da ação — em 1855, quando a cólera tomou de assalto o Rio de Janeiro, onde, só na Corte, vitimou mais de seis mil pessoas, Nísia alistou-se como enfermeira. Fez três viagens à Europa. Em 1873, partiu para não mais voltar ao Brasil. Residiu na França e na Itália, como conta seu biógrafo Adauto Câmara, visitou várias vezes a Alemanha, a Bélgica, a Suíça a Inglaterra, a Grécia. Foi, porém a França o país escolhido para morar. Muitas dessas viagens estão relatadas em obras como "Itinerário de uma Viagem à Alemanha" e "Três Anos na Itália, seguidos de uma Viagem à Grécia". Sua agudeza intelectual lhe permitiu travar conhecimento com grandes autores europeus: Lamartine, Manzoni, Azevído, Alexandre Herkulano. Foi amigo de Augusto Comte, com qual manteve correspondência; assistiu o curso "História Geral da Humanidade" dado pelo mestre positivista quando se encontrava em Paris, em 1851. Essa autodidata, que Oliveira Lima considerou a "mais notável mulher de letras do Brasil", faleceu em Rouen, na França, deixando uma obra que permanece praticamente desconhecida entre nós.

(Extraído do jornal "O Estado de S. Paulo" de 24-abril-1985)